

4 Caracterizando os agentes educacionais

4.1 Perfil dos professores

Estudos sobre o efeito responsável pelas variações de aprendizagem dos alunos a partir do trabalho do professor (efeito-professor) surgem no contexto dos estudos sobre efeito-escola baseados em paradigmas de processo-produto e processos mediadores.

O paradigma processo-produto, centrado no professor, considera a ação pedagógica, o que o professor faz (processo) e os resultados de aprendizagem, o que o aluno aprende (produto). Já o paradigma de processos-mediadores, centrado no aluno, é de inspiração psicológica e “vai se interessar pelos procedimentos mediadores tais como atenção, utilização de tempo, investimento na tarefa a ser realizada, perseverança” (Bressoux, 2003).

Entender quem são os professores se faz fundamental nos estudos sobre escolas já que são esses os atores que vão orientar a aprendizagem na relação direta com o aluno.

Responderam ao questionário 22 professores da Escola A e 23 da Escola B que lecionam em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O questionário é dividido em cinco blocos que abrangem 170 questões desde dados sociodemográficos, socioeconômicos, formação profissional, condições de trabalho, o espaço escolar, até a percepção sobre os alunos e suas famílias, práticas pedagógicas, práticas de leitura, função da escola, dentre outros.

4.1.1 Perfil sociodemográfico

A partir de dados sociodemográficos, de forma geral, os professores das duas escolas seguem a tendência nacional. Segundo estudo “*Professores do Brasil: impasses e desafios*”, lançado em 2009 pela UNESCO, 87% dos professores do Ensino Fundamental têm mais de 30 anos, 61,3% se autodeclaram

brancos e a profissão docente ainda é, majoritariamente, exercida por mulheres (Gatti, 2009).

Em nosso estudo, a maioria dos professores tem 30 anos ou mais (91% Escola A e 85% Escola B). A diferença percentual entre as duas escolas pode estar associada à localização geográfica das mesmas e as possibilidades de escolha pelo professor do seu local de trabalho. O ingresso na rede municipal se dá através de concurso público e só depois de cinco anos é facultado ao professor o direito de solicitação de transferência de unidade de ensino. Sendo mais velhos, os professores da Escola A seriam mais experientes e teriam mais tempo na rede o que, segundo as determinações da SME, lhes confere prioridade na escolha da escola³¹, diferentemente dos professores da Escola B, a maioria jovens, provavelmente, ainda em início de carreira. Associado a isso, as escolas localizadas em favelas carregam o estigma de serem “difíceis de trabalhar” reforçado pelo senso comum de que se trata de local violento, o que faz com professores prefiram aquelas de mais fácil acesso e com menos interferência da violência, como é o caso da Escola A.

Tabela 2: Idade autodeclarada dos professores

Qual é sua idade?	Escola A	Escola B
De 25 a 29 anos	9%	15%
De 30 a 39 anos	23%	25%
De 40 a 49 anos	45%	50%
De 50 a 54 anos	14%	5%
55 anos ou mais	9%	5%

Fonte: questionário de professores *survey* SOCED, 2009

Quanto à cor, observamos que a maioria dos professores se autodeclaram brancos (62% da Escola A e 47% da Escola B) e pardos (33% Escola A e 47% Escola B), seguindo tendência nacional, segundo estudo da UNESCO:

³¹ Não há questão específica no questionário de professores que indique o tempo de ingresso na rede municipal o que não possibilita uma análise mais qualificada da questão.

Tabela 3: Cor autodeclarada dos professores

Como você se considera?	Escola A	Escola B
Branco	62%	47%
Pardo	33%	47%
Preto	5%	0%
Amarelo	0%	6%
Indígena	0%	0%

Fonte: Questionário de professores *survey* SOCED, 2009

Quanto ao gênero, há predominância de professores do sexo feminino, mas com uma diferença percentual entre as duas escolas: 72% de professores da Escola A são mulheres contra 59% da Escola B.

O fato da Escola B estar localizada em um território marcado pela imagem de violência pode nos levar a compreensão da alocação de mais homens que mulheres nesse espaço, não só por uma escolha pessoal, mas também por apelo da própria família e pela tendência da sociedade em geral, de oferecer mais proteção à mulher, justamente por conta de sua aparente fragilidade.

Ao longo da história da profissão docente, muitas foram as hipóteses levantadas para compreender a tendência maior de mulheres ingressarem no magistério, dentre elas: a possibilidade conciliação da jornada de trabalho com o acompanhamento das tarefas domésticas e de criação dos filhos; os baixos salários desencorajando os homens que culturalmente seriam os provedores da família e a identificação da natureza feminina ao magistério, principalmente nas séries iniciais, o que teria sido reforçado pela Escola Normal que assemelhava a docência com o trabalho doméstico, dependência e fragilidade (Tambara, 1998 apud Medeiros, 2007). Essa fragilidade associada à figura feminina poderia nos levar à compreensão dessa diferença percentual entre as escolas, que indica haver mais mulheres que homens exercendo a função docente.

4.1.2 Os professores e a relação com a função docente

Segundo definição do Dicionário Aurélio, motivação “é o conjunto de fatores que determina a atividade e a conduta individuais” (Ferreira, 2006). Em psicologia, motivação é alguma coisa que está dentro de cada pessoa, é a força propulsora por trás de todas as ações de um indivíduo. Entretanto, sabemos que o

grau de motivação que podemos ter para, por exemplo, desenvolver uma atividade profissional, pode depender do ambiente de trabalho onde estamos inseridos e das condições estruturais para o desenvolvimento do mesmo. Assim, também acontece com a profissão docente. Trabalhar em uma escola onde o clima escolar (que também pode ser medido pela relação com os pares), e as condições de trabalho não sejam favoráveis pode levar os profissionais a certo desânimo e descontentamento no exercício de sua profissão.

Analisando as relações entre pares a partir do questionários de professores do *survey* SOCED, 2009, percebemos que uma diferença percentual significativa entre os dados das escolas, indicando haver maior coesão e troca entre os profissionais da Escola A do que os da Escola B:

Tabela 4: Relações entre pares

Indique seu grau de concordância sobre o trabalho nesta escola:	Escola A	Escola B
TODOS na escola colaboram para seu bom funcionamento	100%	59%
Eu levo em consideração as idéias de outros colegas ³²	96%	100%
Os professores coordenam os conteúdos entre as séries	96%	73 %
O ensino é influenciado pela troca de idéias entre os professores	96%	77 %
A equipe de professores leva em consideração minhas idéias	91%	68 %
Participo das decisões relacionadas com o meu trabalho	86%	77 %

Fonte: questionário de professores *survey* SOCED 2009

O ambiente de pouca cooperação e troca da Escola B, percebido através das respostas dos professores, pode trazer reflexos na motivação para o exercício da profissão: apenas 18% de professores se declaram *Eu me sinto motivado para o trabalho como docente* e 23% *Meu trabalho NESTA escola me dá satisfação profissional*. Por outro lado, há também um sentimento de que o trabalho com os alunos não traz motivação, tanto na Escola A quanto na B:

³² Aqui, não podemos descartar a possibilidade de que o esforço para postura “politicamente correta” e o corporativismo podem estar influenciando nas respostas dos professores.

Tabela 5: Motivação docente

Indique seu grau de concordância com cada uma das seguintes afirmações sobre seu trabalho nesta escola:	Escola A	Escola B
Sinto que meu trabalho NESTA escola tem valor	81%	55%
Meu trabalho NESTA escola me dá satisfação profissional	68%	23%
Eu me sinto motivado para o trabalho como docente	63%	18%
O trabalho com os alunos reforça minha opção profissional	52%	50%

Fonte: questionário de professores *survey* SOCED, 2009

Profissionais também podem ser motivados pela carga-horária exigida para a função. A carga-horária semanal média de professores da educação básica no Brasil é de 30 horas semanais (Gatti, 2009). Em nosso estudo, 69% de professores da Escola A e 59% da Escola B declaram trabalhar mais de 31 horas semanais, e que essa carga-horária seria distribuída em mais de uma escola: 68% dos professores da Escola A trabalham em outra escola (45% em duas escolas, 9% em três e 14% em quatro escolas ou mais) e 68% dos professores da Escola B também têm outro vínculo de trabalho (45% em duas escolas, 14% em três e 9% em quatro escolas ou mais).

Além da carga-horária declarada pelos professores, não podemos desconsiderar que, no caso do exercício da profissão docente, o tempo dedicado ao trabalho extraclasse, destinado a planejamento de aulas, elaboração de avaliações, correção de exercícios, muitas vezes realizados fora do horário escolar, redimensionam a jornada semanal de trabalho docente. Assim, não surpreende o pequeno percentual de professores que pretendem *Continuar a lecionar mesmo depois da aposentadoria* (19% da Escola A e 14% da Escola B). Contudo, a maioria dos professores pretende *lecionar até a aposentadoria*: 62% da Escola A e 59% da Escola B. O caráter de estabilidade do serviço público parece ser valorizado por esses professores porque um percentual relativamente pequeno de professores (19% da Escola A e 27% da Escola B) pretende *parar de lecionar assim que conseguir outro trabalho*.

Quanto à formação, a grande maioria dos professores declara ter entre 16 a 25 anos de formação em nível superior (45% professores da Escola A e 59% professores da Escola B). No que diz respeito à continuidade dos estudos, a maioria dos professores que declara ter feito curso de pós-graduação na

modalidade Especialização, sendo observado um percentual mais expressivo na Escola B, cerca de 69%, que na Escola A, cerca de 42%. Apenas quatro do total de professores das duas escolas que responderam ao questionário fizeram o curso de Mestrado e apenas um, alocado na Escola A, cursou o Doutorado.

4.1.3 Hábitos de leitura

A expansão do acesso à escolaridade traz desdobramentos importantes na trajetória histórica da carreira docente no Brasil, já que com o crescimento do atendimento escolar, principalmente do setor público, há uma conseqüente ampliação do número de professores, condição necessária para que a escola funcione. O alargamento de oferta de postos de trabalho refletiu na relação da sociedade com a profissão docente, havendo desvalorização profissional e declínio do prestígio social em virtude, principalmente, da média salarial. População mais favorecida economicamente busca possibilidades de manutenção do padrão de vida a partir da escolha de profissões mais bem remuneradas e expande-se o recrutamento de professores em segmentos menos favorecidos economicamente, com acesso mais restrito a bens culturais básicos como leitura de jornais e obras literárias seja restrito (Gatti, 2009).

Em nosso estudo, não há diferenças percentuais significativas entre os dois grupos de professores em relação aos hábitos de leitura de obras literárias e jornais. Os dados nos mostram que a grande maioria dos professores das duas escolas (100% da Escola A e 95% da Escola B) têm o hábito de leitura de jornal, com periodicidade diferenciada. Segundo pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” divulgada pelo Instituto Pro-livro³³ em 2009, quanto ao suporte de leitura, o jornal está em terceiro lugar na preferência dos leitores brasileiros ficando atrás apenas de revistas e livros.

³³ Maiores detalhes da pesquisa em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf> (acesso em fevereiro de 2010)

Tabela 6: Leitura de jornal pelos professores

Com que frequência você lê jornal?	Escola A	Escola B
Diariamente	35%	30%
Uma a três vezes por semana	25%	45%
Nos fins de semana	40%	20%
Nunca	0%	5%

Fonte: Questionário de professores *survey* SOCED, 2009

Em relação à leitura de livros em geral, 59% da Escola A e 60% da Escola B declaram ler mais de quatro livros por ano. De acordo com a pesquisa do Instituto Pro-livro, a média nacional é de 4,7 livros lidos por ano. Tendo em vista que a escola tem um importante papel na formação de leitores em diversos tipos de suporte, os percentuais de professores-leitores nas escolas da pesquisa nos parece ser insatisfatórios, principalmente, considerando que os alunos dessas escolas têm pouco acesso à leitura em casa, haja vista que 65% dos alunos da Escola A e 64% da Escola B declaram que a quantidade de livros em casa estaria entre 1 e 20 livros. Ainda de acordo com a pesquisa supracitada, a média nacional é de 25 livros por residência.

Tabela 7: Leitura de obras literárias pelos professores

Nos últimos doze meses você leu quantos livros de literatura em geral?	Escola A	Escola B
Nenhum	9%	5%
Um	5%	10%
Dois a três	27%	25%
Quatro a Seis	45%	30%
Sete ou mais	14%	30%

Fonte: Questionário de professores *survey* SOCED, 2009

Nesse cenário, os processos de formação continuada e a relação que cada escola estabelece com a leitura, são importantes para a difusão desse hábito entre os professores, despertando o interesse e a valorização da leitura como importante fonte de informação e conhecimento, criando maiores possibilidades do desenvolvimento desse hábito no aluno.

4.2 Perfil das famílias

O questionário de pais é constituído 112 perguntas, distribuídas em 6 blocos que buscam caracterizar a situação da família quanto aos aspectos sociodemográficos e socioeconômicos, participação e apoio econômico familiar na educação do filho, capital cultural, percepção sobre a gestão da escola, motivações para escolha da escola, além do grau de parentesco do responsável respondente com o aluno.

Responderam aos questionários 211 pais ou responsáveis, 138 da Escola A e 73 da Escola B. Os dados quanto ao grau de parentesco do respondente com o aluno seguem a tendência de que são as mães que, geralmente, acompanham mais a vida escolar dos filhos: 80% dos respondentes da Escola A se declaram mães dos alunos, enquanto 17% se declaram pai e 3% indicam ter outro grau de parentesco com o aluno (avó, tia ou madrasta). Já na à Escola B, 78% se declararam mãe do aluno, 18% pai e 4% indicaram ter outro grau de parentesco com o aluno (avó ou companheira do pai do aluno). Quanto ao estado civil, 51% dos respondentes da Escola A e 42% da Escola B declaram ser casados.

4.2.1 Dados socioeconômicos

Mudanças recentes na economia mundial nas últimas décadas deflagraram mudanças no perfil de consumo da população. Ainda assim, indicadores como escolaridade, ocupação, rendimento e posse de bens podem ser considerados na tentativa de se estabelecer os limites de classe.

Amaury de Souza e Bolívar Lamounier (Souza & Lamounier, 2010) entendem por classe trabalhadora aquela cujos indivíduos têm posse de diploma de nível fundamental, o que constitui a grande maioria da nossa amostra: 67% dos respondentes da Escola A declaram ter Ensino Fundamental³⁴, 27% Ensino Médio, 5% Ensino Superior e apenas um, o que corresponde a menos de 1% da amostra, declara ter chegado à pós-graduação. Já os respondentes da Escola B se distribuem em apenas dois níveis de escolaridade: 82% declaram ter chegado ao Ensino Fundamental e 18% no Ensino Médio. A diferença de escolaridade dos

³⁴ Para a análise, os dados de escolaridade foram agrupados por segmento de ensino. Não foi considerada a conclusão do mesmo e sim se o respondente chegou a esse nível de ensino.

pais das duas escolas pode gerar reflexos na participação da vida escolar dos alunos, seja por uma maior disponibilidade de investimento na educação dos filhos, seja pela possibilidade de um acompanhamento escolar mais qualificado ou mesmo pela relação que os pais poderão estabelecer com as escolas, considerando que pais mais escolarizados podem ter mais condições de entender o “jogo do campo educacional” resultando em mais condições de um diálogo com maior equilíbrio com os agentes da escola³⁵.

Analisando os dados declarados quanto à renda mensal das famílias, observamos que a maioria, tanto da Escola A quanto da Escola B, tem rendimento mensal na faixa entre 1 a 4 salários mínimos, ou seja na faixa de R\$ 465,00 a R\$ 1.860,00³⁶. Contudo, há uma sensível diferença entre os percentuais das escolas: a Escola A apresenta renda um pouco maior, chegando a ter 9% das famílias dentro da faixa de 4 a 10 salários mínimos:

Tabela 8: Renda familiar

Quanto a família ganha por mês, incluindo todos os que moram na casa?	Escola A	Escola B
Sem renda	5%	5%
Até R\$ 465,00	16%	40%
De R\$ 466,00 a R\$ 930,00	38%	34%
De R\$ 931,00 a R\$ 1.860,00	30%	19%
De R\$ 1.861,00 a R\$ 4.650,00	9%	2%
De R\$ 4.651,00 a R\$ 9.300,00	1%	0%
De R\$ 9.301,00 a R\$ 13.485,00	1%	0%
Acima de R\$13.485,00	0%	0%

Fonte: questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

Essa diferença de rendimento entre as famílias das duas escolas pode ser reflexo do maior nível de escolaridade declarado pelos pais, seguindo a tendência de que maior escolaridade pode possibilitar empregos com maior remuneração. Cerca de metade dos respondentes das duas escolas, que são em sua maioria mulheres, tem alguma ocupação profissional contribuindo para a composição da renda familiar: 48% da Escola A (15% trabalham em tempo parcial, 29% em

³⁵ Considerando a relevância de pesquisas que comprovam a efetividade da participação da família na vida escolar de sua prole para o desempenho escolar, esse trabalho dedica um capítulo para a relação estabelecida entre as escolas da pesquisa e as famílias: *Capítulo 5 – Relação família-escola*.

tempo integral e 4% trabalham e estudam) e 46% da Escola B (10% trabalham em tempo parcial, 27% em tempo integral e 9% trabalham e estudam).

Tabela 9: Situação de trabalho dos pais

Indique qual é sua situação de trabalho:	Escola A	Escola B
Aposentado ou pensionista	2%	4%
Incapacitado	2%	0%
Estudante	0%	2%
Desempregado (procurando emprego)	8%	7%
Dona de casa	40%	41%
Trabalha em tempo parcial	15%	10%
Trabalho em tempo integral	29%	27%
Estuda e trabalha	4%	9%

Fonte: questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

O gasto mensal com educação para a maioria das famílias, 66% da Escola A e 77% da Escola B, é até R\$ 100,00. Aqui dois elementos devem ser destacados: as duas escolas são públicas não havendo, portanto, custo com mensalidades. A diferença de 11 pontos percentuais entre as escolas pode estar relacionada ao fato de que quase 100% dos alunos da Escola B declaram morar perto da escola enquanto na Escola A os alunos estão distribuídos em vários bairros do entorno. A distância entre casa e escola pode gerar um gasto fixo com transporte para esse deslocamento, já que em algumas áreas favelizadas da cidade, como a Maré por exemplo, não há circulação de linhas de ônibus, o que impede a utilização do cartão de transporte gratuito oferecido aos alunos da rede pública, que só pode ser utilizado em ônibus.

O aumento do poder de compra, deflagrado por mudanças na economia mundial, facilitou a aquisição de bens de consumo e mesmo da casa própria e automóvel, o que antes eram os símbolos mais vistosos do ingresso na classe média (Souza & Lamounier, 2010).

Em nosso estudo, 55% das famílias da Escola A moram em casa própria (40% comprada pela família e 15% recebida de herança) enquanto 65% da Escola B estão nessa condição de moradia (54% residem em casa adquirida pela família e 11% recebida por herança).

³⁶ Na época da aplicação do questionário, o valor do salário mínimo era de R\$ 465,00.

Tabela 10: Situação da moradia das famílias

Sua casa é:	Escola A	Escola B
Alugada	28%	27%
Cedida	13%	7%
Própria, mas ainda estou pagando	4%	1%
Própria já paga	40%	54%
Própria recebida por herança	15%	11%

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

Quanto à posse de automóvel a maioria das famílias declaram não dispor desse bem: 73% da Escola A e 87% da Escola B:

Tabela 11: Posse de carro pelas famílias

Carro	Escola A	Escola B
Não tem	73%	87%
Um	25%	12%
Dois	1%	1%
Três ou mais	1%	0,0%

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

Conhecer as condições de habitação, não só se o local de moradia é próprio ou não, mas também as condições em que se vive ajuda a compreender os resultados de desempenho escolar dos alunos. A posse de bens materiais, aqueles que poderão proporcionar uma estrutura familiar confortável, se coloca como elemento importante para uma maior aproximação com o universo do aluno.

Em nossa amostra, não há diferença significativa entre a posse de bens materiais pelas famílias: quase todas as famílias pesquisadas declaram ter TV a cores em casa (99% da Escola A e 100 da Escola B); um número importante declara ter acesso a TV por assinatura (65% da Escola A e 74% da Escola B) o que abre o leque de opções saindo do monopólio das grandes empresas de comunicação cuja maior parte da grade da programação é alienante, tendo seu foco, basicamente, no consumo. A diferença percentual em relação aos dados de posse de máquina de lavar (80% da Escola A e 65% da Escola B) pode indicar uma diferença entre as famílias das duas escolas, indicando as prioridades de acordo com as possibilidades reais de consumo (famílias da Escola A apresentam uma renda superior às famílias da Escola B).

Tabela 12: Posse de bens pelas famílias

Quantos dos itens abaixo há na sua casa?	ESCOLA A	ESCOLA B
TV a cores	99%	100%
TV por assinatura	65%	74%
Rádio	90%	75%
Carro	27%	13%
Videocassete ou DVD	91%	84%
Geladeira	100%	97%
Computador	71%	61%
Acesso à internet	58%	47%
Máquina de lavar	80%	65%

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

4.2.2 Capital cultural

O acúmulo de capital cultural³⁷ familiar é uma das principais hipóteses para a compreensão das desigualdades educacionais a partir do acesso à escola de classes menos favorecidas economicamente que, espera-se, tenha menos capital cultural que as classes mais favorecidas.

Considerando que conhecimento de língua estrangeira e hábito de leitura pode ser manifestação do acúmulo de capital cultural das famílias, o *survey* SOCED tem perguntas sobre esses dois aspectos.

Quanto aos hábitos de leitura, não há diferença significativa entre os dados das duas escolas. Percebemos que a leitura não se constitui em prática diária na vida desses pais: apenas 12% dos respondentes da Escola A e 17% da Escola B declaram ler diariamente livros em geral; 40% da Escola A e 47% da Escola B leem jornais todos os dias.

A leitura pela Internet também não é um hábito para a maioria dos pais já que 50% da Escola A e 56% da Escola B declaram que nunca acessam a Internet.

³⁷ Para Pierre Bourdieu, o capital cultural pode existir sob três formas: capital cultural incorporado, que se manifesta sob a forma de disposições duráveis do organismo; capital cultural objetivado, que se apresenta sob a forma de bens culturais objetivados e que pode ser apropriado e utilizado como objeto de distinção; e capital cultural institucionalizado, manifestado por certificados e diplomas de instituições escolares que conferem ao detentor uma espécie de certidão de competência cultural (Nogueira & Catani, 2003).

O conhecimento de língua estrangeira, o que já era esperado, principalmente, na Escola B por conta do nível de escolaridade declarado pelos pais, é superficial ou nulo:

Tabela 13: Conhecimento de língua estrangeira dos pais

Conhecimento de língua estrangeira:		Bom	Razoável	Fraco	Nenhum
Inglês	Escola A	4%	13%	24%	59%
	Escola B	3%	11%	18%	68%
Francês	Escola A	0%	2%	11%	87%
	Escola B	2%	2%	4%	92%
Espanhol	Escola A	5%	4%	11%	80%
	Escola B	1%	3%	6%	90%

Fonte: questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

4.3 Perfil dos alunos

O questionário de alunos é constituído de 173 perguntas distribuídas em 8 blocos que buscam caracterizar trajetória escolar, percepção em relação ao clima escolar e acadêmico da unidade de ensino, práticas de leitura, relações familiares, hábito de estudo, além das situações socioeconômico e sociodemográfica do aluno³⁸.

Responderam ao questionário 247 alunos, 136 da Escola A e 111 da Escola B. Cerca de 30% dos alunos (29% da Escola A e 32% da Escola B) declaram terem ficado reprovados pelo menos uma vez ao longo de sua trajetória escolar. A partir de uma comparação com os índices de aprovação do IDEB, podemos afirmar que os alunos das duas escolas não estariam muito longe da média nacional para esse segmento de ensino, já que em 2005 o índice de aprovação foi de 77%, em 2007 subiu para 79,8% e em 2009 foi de 81,3%³⁹. Esses dados apontam que, apesar de uma ligeira evolução, o índice de reprovação no país ainda é alto. O aumento da taxa de aprovação pode estar associado, também, à adoção do sistema de ciclos, como alternativa ao tradicional sistema de séries, por algumas redes de ensino. A avaliação dentro desse sistema não é feita no final do

³⁸ Nessa caracterização, não serão privilegiados dados socioeconômicos dos alunos, por entender que essas informações foram contempladas no perfil das famílias, já apresentado nesse capítulo.

³⁹ Informações no portal do INEP <http://www.portalideb.inep.gov.br/>

ano letivo, mas sim dentro de cada ciclo e o aluno só fica retido na transição de um ciclo para outro⁴⁰.

Quanto aos hábitos de leitura, o percentual de 48% de alunos da Escola A e 54% da Escola B declaram que só leem o que é necessário. No entanto, 45% da Escola A e 46% da Escola B consideram que ler é uma de suas diversões favoritas. Um grande percentual de alunos considera que a escola os estimula para a leitura (81% da Escola A e 85% da Escola B).

Dentro de um contexto de pouco hábito de leitura dos pais, já apresentado nesse capítulo, e do número de livros nas residências abaixo da média nacional, a influência da escola na formação de alunos leitores se mostra fundamental.

A rede municipal de educação do Rio de Janeiro tem um histórico de incentivo ao trabalho de leitura através de um projeto de Salas de Leitura e da liberação de verbas anuais para ampliação do acervo das escolas na ocasião do Salão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Bienal do Livro. Nesses eventos, a SME também disponibiliza transporte para que as escolas levem alguns alunos. Em 2009, repetindo a experiência da Secretária de Educação em São Paulo, a SME lança o projeto “Rio, uma cidade de leitores”, com objetivo de incentivar e fortalecer o hábito da leitura por prazer de alunos e professores.

Com o lançamento desse projeto, houve um esforço em disponibilizar professores para todas as Salas de Leitura, mas isso não foi efetivado e ainda é grande o número de escolas sem um profissional exclusivo para esse fim. Nas escolas de nossa pesquisa, há professores disponibilizados mas, como a Escola B não tem o quadro administrativo completo, a professora responsável acaba se envolvendo com questões administrativas, o que compromete o trabalho. A Escola A, que tem uma professora exclusiva na Sala de Leitura, realiza um trabalho diversificado para incentivar empréstimos de livros por alunos, como por exemplo, sugerindo que eles levem livros para ler com irmãos mais novos, o que pode resultar na mudança de hábito de leitura da família. Segundo a professora responsável pelo trabalho, já houve o registro de empréstimos de 136 livros em um único dia. Outra professora relata, em reunião com o SOCED para retorno dos dados apurados nos questionários, que os alunos sempre compram livros nos

⁴⁰ A organização do ensino fundamental em ciclos é autorizada pela Lei 9.394/96 (Lei de

eventos literários que visitam com a escola, o que aumenta o acervo da biblioteca familiar.

4.3.1 Relação com a escola

A maneira como o aluno se relaciona com os diferentes atores da escola é, por si só, uma manifestação do clima escolar.

No conjunto dos dados obtidos através dos questionários de alunos, percebemos que os alunos das duas escolas se relacionam melhor com seus colegas e com seus professores e o relacionamento com a direção, a coordenação pedagógica e os funcionários apresentam percentuais que indicam maior distanciamento entre os alunos e esses agentes. Contudo, há uma diferença percentual entre as escolas que nos permite observar que a na Escola A, mesmo a diretora sendo mais rígida e exigente em relação à disciplina, 45% dos alunos classificam esse relacionamento como *Bom* e 31% *Muito bom*, enquanto na Escola B esses percentuais caem para 34% *Bom* e 12% *Muito bom*, o que reflete a situação já apresentada nesse trabalho sobre a relação conflituosa que a diretora da escola⁴¹ estabelecia os diferentes agentes da escola.

Tabela 14: Relacionamento dos alunos com outros agentes educacionais

Como você classifica seu relacionamento nesta escola com:	seus colegas		seus professores		a direção		a coordenação pedagógica		Funcionários	
	Escola A	Escola B	Escola A	Escola B	Escola A	Escola B	Escola A	Escola B	Escola A	Escola B
	Muito ruim	1%	2%	0%	0%	0%	6%	2%	5%	0%
Ruim	0%	1%	0%	1%	2%	7%	3%	7%	0%	5%
Razoável	7%	13%	15%	11%	22%	41%	25%	34%	18%	22%
Bom	42%	34%	46%	51%	45%	34%	50%	37%	46%	44%
Muito bom	50%	50%	39%	37%	31%	12%	20%	17%	36%	26%

Fonte: Questionário de alunos *survey* SOCED, 2009

O sentimento de pertencimento do aluno ao espaço escolar é aspecto importante que pode contribuir para a formação de disposições no aluno em interagir com regras e normas se apropriando da cultura escolar. Comparando dados das duas escolas, entretanto, não observamos diferenças significativas nos percentuais, o que poderia indicar que o aluno se sente bem na escola.

Diretrizes e Bases da Educação) que orienta o sistema nacional de ensino.

No entanto, a questão *Vou porque sou obrigado* chama a atenção não pela diferença percentual entre as duas escolas, que é de apenas 5 pontos, mas porque constata que a escola para cerca de 10% dos alunos é um lugar que, se pudesse optar, o aluno não frequentaria. Podemos cruzar esse dado com uma outra questão do questionário sobre qual seria a importância da escola na vida do aluno e obtivemos como resposta: 66% de alunos da Escola A e 67% da Escola B declaram que a escola é *Importante* e 31% da Escola A e 27% da Escola B declaram que é *Decisiva*. Assim, a escola também se mostra como uma necessidade para esses alunos, apesar de não significar para a maioria espaço de prazer e boa convivência.

Tabela 15: Relação do aluno com a escola

Minha escola é o lugar onde ...	Escola A	Escola B
Eu me sinto como um estranho	5%	6%
Eu faço amigos facilmente	95%	94%
Eu me sinto à vontade	87%	80%
Eu me sinto incomodado	13%	15%
Os outros alunos parecem gostar de mim	84%	80%
Eu me sinto solitário	8%	10%
Vou porque sou obrigado	8%	13%
Eu me sinto entediado	19%	22%
Aprendo a organizar meus estudos	95%	93%
Aprendo a raciocinar	94%	94%
Aprendo a escrever textos	95%	91%

Fonte: Questionário de alunos *survey* SOCED, 2009

A comparação entre a escola onde estuda e a dos amigos pode provocar uma visão relacional da própria escola, possibilitando um contraste com as experiências de outras pessoas da mesma faixa etária. Os alunos de nossa amostra apresentam, em relação a esse ponto, opiniões diferentes em relação as suas escolas: 91% dos alunos da Escola A consideram sua escola melhor ou muito melhor que as outras, enquanto apenas 44% da Escola B têm esse sentimento e 13% acreditam que sua escola seja *Pior que as outras* ou *Muito pior que as outras*. Esse sentimento dos alunos repete a imagem que as duas escolas apresentam na sociedade: a Escola A é muito procurada pelas famílias, inclusive

⁴¹ Cabe destacar que na época da aplicação do questionário a diretora ainda não estava licenciada.

as que residem mais distante, enquanto a Escola B se coloca no campo das escolas da comunidade, sem muito referencial de qualidade.

Tabela 16: Comparação da escola

Em relação ao ensino, sua escola comparada com a de seus amigos é:	Escola A	Escola B
Muito melhor que as outras	48%	9%
Melhor que as outras	43%	35%
Igual às outras	8%	43%
Pior que as outras	0%	10%
Muito pior que as outras	1%	3%

Fonte: Questionário de alunos *survey* SOCED, 2009

4.3.2 Hábitos de estudo

Alunos desse nível de ensino (9º ano) já estão na escola há, pelo menos, nove anos. Portanto, hábitos e rotinas de estudo já estão desenvolvidos e sedimentados. Percebemos que os alunos da Escola A demonstram ter uma atitude de maior empenho nas questões relacionadas à escola. Os dados sobre assiduidade e hábito de estudo no final de semana se colocam com diferenças percentuais mais significativas: 44% dos alunos da Escola A e 21% dos alunos da Escola B declaram que *Nunca* faltam às aulas e 27% dos alunos da Escola A e 41% da Escola B declaram que *Estudam nos finais de semana*.

Apesar da pouca assiduidade dos alunos na Escola B, não percebemos nenhuma ação da equipe pedagógica em relação a essa situação. A nova diretora admite que o problema existe e que, inclusive, quando as turmas são constituídas isso já é considerado e então são matriculados, por exemplo, 40 alunos para que com as faltas freqüentes chegue-se a um número razoável de alunos para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. O que a escola faz para resolver essa situação, que implica em prejuízo no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, não está dentro de um contexto pedagógico e sim o cumprimento de uma determinação da SME. Cabe à escola notificar os pais de cada aluno faltoso, beneficiário do Bolsa Família. O órgão do governo responsável pelo benefício também é informado pela escola sobre as faltas do aluno. Essa demanda gera uma situação para a qual a escola tem que criar alternativas para cumprir. Como os alunos são faltosos, é difícil fazer que a notificação chegue aos pais, então a

escola acaba contando com a ajuda de outros alunos, vizinhos desses faltosos, para a entrega do documento. A situação se agrava à medida em que é grande o número de faltosos, na listagem que nos foi apresentada pela diretora, havia cerca de 400 alunos nessa situação. A escola passa a ser “posto avançado do Estado” e a ação concreta acaba não sendo realizadas tornando-se

arremedos de ação, cujos efeitos principais são o deslocamento do ensino de sua posição central na escola e a dissimulação da ausência e omissões do Estado, de maneira a parecer que problemas sociais, econômicos e de saúde, entre outros, decorrem da “carência educacional e cultural do povo”. (Algebaile, 2004).

Tabela 17: Rotinas e hábitos escolares

Com que frequência você faz as seguintes coisas:	Nunca		Algumas vezes		Frequentemente	
	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola
	A	B	A	B	A	B
Chega no horário na escola	1%	0%	8%	17%	91%	83%
Falta às aulas	44%	21%	54%	73%	2%	6%
Faz as tarefas passadas para casa	1%	5%	50%	62%	49%	33%
Entrega circulares da escola para seus responsáveis	5%	6%	19%	33%	76%	61%
Frequênta biblioteca	21%	26%	57%	65%	22%	9%
Assiste filmes relacionados aos conteúdos vistos em aula	20%	12%	61%	58%	19%	30%
Lê de novo em casa o conteúdo das aulas	15%	26%	66%	63%	19%	11%
Discute ou tira dúvidas com outros colegas	10%	10%	54%	57%	36%	33%
Consulta dicionários, atlas ou enciclopédias	25%	25%	60%	55%	15%	20%
Refaz as questões que erra em exercícios e avaliações	18%	18%	53%	56%	29%	26%
Pesquisa na internet conteúdos vistos durante as aulas	30%	24%	53%	51%	17%	25%
Participa de projetos ou atividades extraclasse	26%	22%	48%	55%	26%	23%
Estuda nos finais de semana	27%	41%	53%	51%	20%	8%
Prefere realizar os trabalhos individualmente	19%	17%	49%	47%	32%	36%

Fonte: Questionário de alunos *survey* SOCED, 2009

Em relação ao hábito de estudo nos finais de semana, a diferença percentual entre as duas escolas pode ser reflexo do maior acompanhamento dos pais no processo de escolaridade dos filhos da Escola A. Como os pais trabalham, teriam o final de semana para verificar com os filhos as tarefas demandadas pela escola.

Depois de feita a caracterização dos agentes educacionais que imprimem suas características individuais na constituição do coletivo da escola, no próximo capítulo farei uma descrição da relação família-escola, tentando apreender as iniciativas de cada escola para aproximação dos pais no cotidiano.